A LEITURA DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Uma análise das práticas pedagógicas dos professores de Geografia no 6º ano do ensino fundamental na cidade de São Paulo do Potengi/RN.

Moisés Gomes Advíncula Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Mestrado profissional em Geografia – Geoprof.

moisesjuniorgeo@gmail.com

Introdução

A possibilidade de reformar e mudar o processo de ensino e aprendizagem diante das mudanças criadas pela sociedade capitalista passa pela capacidade que os alunos devem ter em conseguir ler os mais variados códigos e linguagens trazidas, principalmente, a partir dos anos de 1990 com a globalização. São representações simbólicas das mais diversas áreas; artes, entretenimento, economia, política, internet, meio ambiente, consumo entre outras. A capacidade de leitura desses códigos e linguagens para ao conhecimento de si e do mundo; para a expressão e representação; para a construção da identidade e da cidadania tem sido salientado e está presente em muitas propostas de renovação curricular.

Esses novos códigos e linguagens também estão presentes na paisagem e devem ser trabalhados pelo professor de Geografia no sentido de permitir que o aluno possa, entre outras possibilidades, adquirir uma visão de mundo no sentido de se reconhecer como cidadão. Deve propiciar aos alunos as condições para que ele possa, de forma permanente e autônoma, localizar a nova informação pela leitura do mundo. Mostrar para os alunos que as paisagens não são apenas construídas por determinações econômicas compreendidas pelo modo de produção material, como as técnicas, a organização da produção e do consumo. Mostrar que uma paisagem, seja de uma rua, de um bairro ou de uma cidade, além de representar uma dimensão concreta e material do mundo, está impregnada de significados que nascem de percepção que se tem dela.

Considerando as observações acima, está sendo realizada uma pesquisa, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Geografia da UFRN, com o objetivo de analisar como os professores de Geografia trabalham a leitura da paisagem na perspectiva do lugar de vivência dos alunos no 6º ano do ensino fundamental, em escolas do Município de São Paulo do Potengi/RN, considerando sua abordagem geográfica. A problemática que norteia a pesquisa está diretamente relacionada à necessidade de se conhecer como os professores

trabalham as paisagens dos lugares de vivência dos alunos no ensino de geografia no 6º ano do ensino fundamental.

A pesquisa também se torna relevante na medida em que traz novas reflexões sobre a importância de se considerar as paisagens dos lugares de vivência dos alunos no sentido de enriquecer as discussões sobre o significado da Geografia no dia-a-dia dos alunos. Espera-se assim, contribuir com a práxis docente, analisando a importância da leitura da paisagem na perspectiva do lugar para a construção de conhecimentos geográficos significativos no 6º ano escolar, oferecendo alternativas para que o professor consiga realizar o processo de ensino e aprendizagem de forma significativa, motivadora e prazerosa.

Esta pesquisa está sendo realizada com os professores e alunos dos 6º anos da escola estadual Senador Dinarte Mariz e na escola municipal Djalma Marinho, ambas no centro da cidade de São Paulo do Potengi/RN.

Acreditamos que os resultados obtidos na pesquisa possam nos oferecer subsídios suficientes para propormos sugestões ou mesmo um guia que some aos debates, discussões e publicações sobre o ensino de Geografia no terceiro ciclo do ensino fundamental.

Fundamentação teórica

Nossa pesquisa está fundamentada na teoria sobre o significado da paisagem e o seu ensino pela Geografia trazida pelos geógrafos Augustin Berque, Paul Claval e Helena Callai.

Augustin Berque tem como pretensão relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente ou, mais genericamente o sujeito e o objeto, buscando dentro de uma disciplina fenomenológica que retire de suas fontes os próprios recursos. Neste sentido, a fenomenologia busca um levantamento das ‘experiências concretas’ ocorridas na vida do homem e tenta encontrar nestas experiências um caminho que não se restrinja a ‘uma simples sucessão’. A intenção é estar à frente das pesquisas que envolvam apenas o conhecimento ou das análises dos fatos ocorridos no cotidiano humano, conforme eles se mostram na história. Uma valorização do pensamento do indivíduo, analisando sua subjetividade e a existência como resultado, objeto e fonte para o conhecimento.

Augustin Berque faz uma apresentação com os elementos marca e matriz como definidores da categoria paisagem, ensinando que a paisagem se configura como marca porque é a expressão de uma “civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, com a paisagem” (BERQUE, 1986, pág. 87).

Não é simplesmente vendo as imagens que cercam o homem que todas as informações conceituais serão dadas, há sempre mais, existe a subjetividade de quem ‘vê’ e este item se apresenta carregado com todas as relações adquiridas pelo observador em sua herança social. Neste sentido, escreve que “a paisagem existe na sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de certa lógica e compreender o sentido da paisagem passa pela definição dessa lógica”.

Para Claval (2012, p. 245) a observação é elemento primordial na ciência geográfica e ao cientista cabe o despertar de um sentimento em seu simples fato de caminhar, visualizar o que está ao seu redor, sentir odores e, também, a proximidade com outros homens com questionamentos e anotações aguça a sensibilidade do observador, ajuda e, com maiores possibilidades, desperta a compreensão do espaço em que vive, entendimento este que pode figurar tanto no mundo que o cerca quanto nos escritos literários.

Para Claval (2014, 68), “A animação das ruas traduz os ritmos da vida coletiva”. As estruturas das residências e as formas físicas como estão dispostas as avenidas falam sobre as pessoas e sobre os grupos sociais, dando sentido para suas vidas. Contudo, ainda de acordo com o autor, é preciso saber ler a paisagem porque ela “só fala para aquele que aprender a ler. Para ver as realidades sociais, o olhar deve estar formado.” (CLAVAL, 2014, p. 69).

A leitura da paisagem é um recurso que permite desenvolver uma série de capacidades: a observação, o registro, a análise, a comparação e a representação que, em geografia, tem um caráter específico, é poder aguçar o olhar espacial dos alunos. Com relação a isso, Callai (2005, p. 238), escreve: “Desenvolver o olhar espacial, portanto, é construir um método que possa dar conta de fazer leitura da vida que estamos vivendo, a partir do que pode ser percebido no espaço construído”.

Callai (2005, p. 228) diz que “Assim como a paisagem está cheia de historicidade, o sujeito que a lê também tem o seu processo de seleção do que observa. [...] Desse modo, fazer a leitura de paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado, quer dizer, a história das pessoas que ali vivem”.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa optamos por uma abordagem metodológica quanti-qualitativa, acreditamos que essa escolha nos possibilitará fazer uma ampla análise dos sujeitos da pesquisa. Primeiramente utilizando dados quantitativos poderemos traçar um perfil, caracterizando a cidade de São Paulo do Potengi/RN, as escolas, os professores e alunos que serão estudados, quanto aos aspectos socioeconômicos e culturais. Em um segundo momento,

através da análise dos dados qualitativos das respostas fornecidas pelos professores e alunos através das entrevistas e questionários, conheceremos como os respectivos docentes e discentes trabalham e concebem a leitura da paisagem local no ensino de Geografia.

Para realizar a pesquisa, adotamos os seguintes procedimentos:

- Visitação às escolas que serão estudadas para apresentação da proposta de pesquisa aos coordenadores e professores.
- Realização da pesquisa exploratória aos diretores, coordenadores e professores.
- Agendamento da observação indireta no ambiente de ensino.
- Conhecer o projeto pedagógico das escolas em relação à comunidade.
- Conhecer e acompanhar o planejamento dos professores para o 6º ano do ensino fundamental.
- Realização das entrevistas com os coordenadores pedagógicos e professores e aplicação dos questionários com os alunos.
- Tabulação dos dados quantitativos e organização das tabelas.
- Análise dos dados qualitativos e disposição dos resultados em tabelas.

Resultados e discussões

Os resultados e discussões surgidas a partir da revisão bibliográfica e da pesquisa exploratória feita nas escolas e com os professores até o momento nos leva a considerar que a leitura da paisagem vem se tornando uma expressão de uso corrente pela área de geografia no ensino, principalmente a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares em 1998.

A literatura também nos mostrou que a leitura da paisagem em geografia deve responder no processo de aprendizagem, a um objetivo similar ao da leitura de um texto qualquer, ou seja: para ler o mundo e para compreender esse mundo e a função das coisas e de cada um no mundo. Além disso, a paisagem é um recurso pedagógico que permite levar o aluno a desenvolver uma série de capacidades: a observação, o registro, análise, a comparação e a representação que, em geografia especificamente, tem um caráter muito importante.

Já a pesquisa exploratória realizada nas escolas e com os professores nos fez considerar que a leitura da paisagem do lugar é um importante recurso didático-pedagógico na construção de valores e identidade, situando a necessidade de que as experiências de aprendizagem sobre o espaço de vivência não caia nas generalizações e homogeneizações trazidas na maioria das vezes pelos livros didáticos. A leitura das paisagens dos lugares deve ser feitas de maneira particular e mesmo tempo relacionando-as adequadamente com a escala nacional, regional e mundial, concomitantemente, através do jogo de escalas.

Conclusão

As conclusões que chegamos até o momento nos permitem considerar que o ensino de geografia na educação básica deve auxiliar na compreensão do mundo em que estamos inseridos, essa compreensão deve ser de maneira que o aluno vá além da memorização de conceitos e características sociais e naturais dos países e regiões. Compreender o mundo significa também entender nosso cotidiano e enxergar a si próprio como agente de transformação das paisagens e do espaço geográfico.

Nesse sentido, acreditamos que o ensino de Geografia pode ser uma grande oportunidade para compreender o mundo em que vivemos, na medida em que esse componente curricular deve abordar de maneira crítica as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Na busca dessa compreensão, o professor de Geografia deve trabalhar com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais, característicos de cada paisagem construída. Para permitir uma compreensão processual e dinâmica dessa paisagem, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas ações humanas durante o tempo.

Referências

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem matriz: elementos da problemática para uma geografia Cultural**. [1984]. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.

CALLAI, Helena Copeti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, mai/ago. 2005.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. 4ª ed. revisada. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

_____. **A paisagem dos geógrafos**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.